

## É FORTE, É POR ACASO\*

Carlos Roberto Vianna

### Resumo:

Memórias em fluxo percorrem discussões de historiadores sobre questões relacionadas ao acaso, à causalidade e à racionalidade. O que mobiliza o azar? Como as coisas se relacionam ou são forçadas a se relacionar umas com as outras? Não há uma explicação derradeira e não há porto seguro nesta viagem! Não por acaso, as memórias evocaram reflexões sobre usos não casuais do acaso por parte de juristas e procuradores que só encontravam o que era ditado pelas suas convicções.

A metralhadora cheia de mágoas de quem está cansado de correr na direção contrária, mas ainda estão rolando os dados: o tempo não para!

Quando jovem me propus a tarefa de ler todos os livros da Biblioteca Pública do Paraná, sistematicamente, prateleira por prateleira. Os livros eram organizados pelo sobrenome de autor e as classificações de tema eram amplas, de modo que o desafio me levou a leituras de livros com temas inimagináveis. Evidente que a tarefa nunca foi concluída, até porque outras bibliotecas entraram em minha vida e passei a focar minha atenção em autores e temas. Ainda hoje, quando um autor me atrai, sinto-me compelido a ler todas as obras dele que estiverem ao meu alcance, e esse critério assume a prioridade em relação aos temáticos.

Este capítulo resulta de uma busca nas minhas lembranças dos livros de História e o que desta leitura me chamou a atenção em relação à questão do acaso. Mas não só livros de (ou sobre a) história! A primeira coisa que aprendi desses exercícios de memória é que por mais que eu tente construir um foco rigoroso, as rachaduras começam a aparecer e as memórias transbordam e se espalham com vida própria...

Começo com um romance da Agatha Christie cujo título em português da edição que li era “*A Maldição do Espelho*” (Acho o título original mais dramático: “*The mirror crack'd from side to side*”). Essa história policial me impressionou exatamente pela maneira como ela mobiliza o acaso: em uma reunião, uma atriz fica sabendo, por ouvir uma conversa, que anos atrás uma fã com rubéola burlou as orientações médicas e da família para ir vê-la. Isso foi o motivo do assassinato da fã, pois ela havia transmitido a doença para a atriz – que na época estava grávida – e provocado uma perda terrível.

A cada dia o acaso está presente em nossas vidas, quase sempre de modo banal, mas algumas vezes de modo potencialmente dramático. Certa vez, na minha infância, ao retornar da escola, quase fui atropelado por um automóvel desgovernado que subiu na calçada um pouco a minha frente, e desceu pouco antes de me atingir, seguindo em frente,

---

\* DOI - 10.29388/978-65-86678-51-2-0-f.623-628

em alta velocidade... Eu conheci duas pessoas que morreram em acidentes desse tipo, atropeladas andando na calçada, de modo que ainda hoje penso que qualquer coisa que tenha me distraído ou diminuído minha velocidade antes daquele momento... pode ter salvado a minha vida.

A história é cheia de momentos que, da forma como nos são descritos, favorecem a pergunta: e se? Um exemplo: e se o automóvel que transportava John Kennedy tivesse furado um dos pneus um pouco antes? E se no momento do tiro que o mataria, Kennedy tivesse se movido um pouco, o suficiente para que o tiro fatal se transformasse em um ferimento não mortal? Essa pergunta “e se?” é tradicional em peças de ficção e raramente é levada em conta pelos historiadores pois “o que poderia ter acontecido” não é equiparável “àquilo que aconteceu”.

A minha memória oferece o historiador E. H. Carr, que narra o caso de Robinson, um homem que é atropelado ao atravessar a rua para comprar cigarros. Vale trazer o trecho, tal como escrito por Carr, em que se tenta descobrir as causas do atropelamento:

Teria sido em virtude do estado de semi-embriaguez do motorista - o que acarretaria um processo criminal, ou foi devido ao defeito nos freios? Neste caso, não caberia alguma responsabilidade à oficina que revisara o carro uma semana antes? Ou foi devido à má visibilidade da rua? Neste caso, não seria necessário chamar a atenção das autoridades de trânsito para o assunto?

Enquanto estamos discutindo estas questões práticas, dois cavalheiros distintos - não tentarei identificá-los - irrompem na sala e começam a contar-nos, com grande fluência, que, se Robinson não tivesse ficado sem cigarros aquela noite, ele não estaria atravessando a rua e não teria sido morto; que o desejo de cigarros por parte de Robinson foi, portanto, a causa de sua morte; que qualquer inquérito que despreze esta causa será mero desperdício de tempo e quaisquer conclusões daí tiradas não farão sentido.

Tanto mar! Sei que há léguas a nos separar, mas a cadeira é cadeira e o quadro é quadro porque de nós participam.

Pistas infinitesimais permitem captar uma realidade: pistas como são os sintomas, no caso de uma doença; pistas como são os pequenos indícios, no caso de uma investigação criminal; pistas como são os sinais no caso de uma necessidade de atribuição de autoria a uma obra... As pistas infinitesimais são infinitamente pequenas? ... Ou será que elas são limites de quantidades finitas? Essa é uma questão metafísica (redundantemente linguística). Ignoremos tais questões e enfrentemos a realidade: como se dá o nosso encontro com as pistas infinitesimais? Se pensarmos em um vírus como algo muito pequeno, metaforicamente infinitesimal, como se dá o nosso encontro com um vírus? Puro acaso?

Eu estou recorrendo ao que me é dado de Carlo Guinzburg, mas não resisto recitar Tolstoi, citado por Ginzburg, que reproduz a fala de um cavalo:

Muitos dos homens que me definiam como “seu” cavalo não cavalgavam; era outra gente que me cavalgava. Tampouco me davam o feno; isso também eram outros que faziam. Não me fizeram bem os que me chamavam de “meu cavalo”, e sim cocheiros, veterinários ou outras pessoas estranhas. Quando, mais tarde, ampliei o horizonte das minhas observações, convenci-me de que o termo “meu” não se refere apenas a nós cavalos, mas em geral, vem unicamente de um instinto baixo, animalesco, dos

homens, instinto que eles chamam de sentimento de propriedade ou direito de propriedade. O homem diz “minha casa”, mesmo se nunca mora nela, mesmo se só cuida da sua construção e da sua manutenção. O comerciante diz “minha loja”, por exemplo “minha loja de tecidos”, mas não confecciona suas roupas nem com as melhores fazendas que lá vende. [...] Agora estou convencido de que a diferença entre nós e os homens está aí. Já por esse simples fato – e até mesmo descurando todas as outras vantagens que temos em relação a eles – temos o direito de afirmar que, na hierarquia dos seres vivos, estamos um degrau acima dos homens. A atividade dos homens, pelo menos de todos aqueles com os quais travei contato, é determinada pelas palavras, não pelos fatos.

Nem mesmo os mortos estarão a salvo do inimigo se ele vencer! Mas que comentário faríamos dessa frase se somos nós – humanos – os vencedores? Tudo o que dizemos não está condenado ao antropocentrismo? A baleia, sempre teimeira, deveria ser um peixe... é o que penso que ela escolheria se pudesse fazê-lo!! Quem desejaria ficar junto ao *homo sapiens*? As ações humanas influenciam o passado, distorcem os vestígios e podem decretar e condenar ao esquecimento. História? Nada! Somente uma sucessão de laços imaginários, de origens inventadas para algum tipo de satisfação...

Não é um acaso que determina que haja tantas guerras em nossos livros sagrados! Nossas cidades eram fortificadas com altos muros, portas e ferrolhos; mas todas foram destruídas e assassinados os homens, as mulheres e as crianças, mas – diz o Deuteronomio – todo o gado, e o despojo das cidades era tomado como presa. Nas guerras religiosas, não há tentativa de conversão: os inimigos devem ser exterminados. Talvez, a questão de fundo seja: é possível confiar em alguém que *foi convertido*? O *negócio* é o seguinte: Deus é bom para todos, ou aceitam isso, ou devem ser exterminados! Quanto rende esse *negócio*?

A lembrança escolar mais antiga que tenho relacionada à religião vem dos tempos em que havia uma disciplina chamada *Educação Moral e Cívica* e nela aprendi que para obter a nota máxima deveria responder ao que o padre que a ministrava queria que eu respondesse, jamais poderia responder o que eu pensava... E eu ficava abismado com a ideia de que eu poderia cometer alguns pecados e estaria livre da culpa se os confessasse. Certa vez matei um gatinho e recebi a mesma penitência que havia recebido por ter mentido para minha mãe: rezar três Ave Maria e três Pai Nosso... Em algum momento mais tarde acrescentariam Salve Rainha, pois supunham que eu já a houvesse decorado. Em algum momento a religião passa a fazer parte da nossa vida, e talvez seja impossível desvencilhar-se completamente dela! Independentemente das obrigações de catecismo, apaixonei-me pelos deuses gregos que via nos filmes! Depois ficaria estasiado com as maravilhas pagãs e as magias desenvolvidas por Merlin e tantos outros... Ah, os livros de história e os historiadores!

O que acontece quando nós encontramos com outros? Não sei dizer uma razão para isso, mas na minha infância meus pais eram torcedores do Galícia, um time azul e branco, e por alguma razão eu gostava do Vitória, um time vermelho e preto. Nós íamos de carro para a Fonte Nova, víamos os jogos do Galícia, e minha mãe tinha uma enorme bandeira que empunhava e deixava para fora do carro... Essa estranha relação de “nós” com “outros” opera desde sempre, a qualquer momento, situações de inclusão e exclusão, impostas ou autoimpostas... Castoriadis, em uma conferência sobre o racismo, estipula duas diferenças que podem existir entre nós e os outros, embora ele saiba que elas são três:

(a) Somos iguais aos outros; (b) Somos superiores aos outros ou (c) Os outros são superiores a nós. Naturalmente, previsivelmente, costumamos suprimir a possibilidade (c), dando-a como impossível...

Aprendemos a tolerância! Com o tempo as religiões mais assassinas passam a aceitar as conversões, deixam de invadir os territórios selvagens para obter essas conversões à força... embora infelizmente novas religiões nunca deixem de surgir e viver esse início sombrio em que a necessidade de novos adeptos faz com que seus promotores busquem estas conversões ... Todavia, se no caso das religiões a conversão passa a ser tolerada, se no caso de torcidas ou países inimigos a convivência pode ser tolerada... quando se trata do racismo aquele que *é outro* deve ser exterminado pelo que *ele é*, deve ser exterminado pela sua impossibilidade de se transformar em nós e ser nós. Se a tolerância é besta, o racismo é insuportável!

Quando a revolução vier os policiais serão os primeiros a serem oferecidos em sacrifício sem importar que um ou outro clame a inocência que nunca admitiram em suas vítimas. Não haverá julgamentos, pois que juízes teriam sobrevivido? E para quê? Dirão que se trata de um complô comunista, mas comunistas não há mais... O mar secou, e agora José? Todas as crianças passarão a retornar vivas para suas casas... Quando a revolução vier... O nosso dilema é esse: vamos admitir a existência de grupos que pregam o extermínio dos seus adversários? Somos mentirosos?

O pensamento vaga em ondas que atravessam os temas e as circunstâncias. Este texto foi escrito ao longo de três meses, sendo armazenado por várias semanas, depois retomado... sem que houvesse uma continuidade possível entre um momento e outro. Eu li muitas conversas de historiadores sobre “causalidade” e vi como estas conversas mobilizavam a questão do acaso e das causas. Em geral, talvez até motivados pela possibilidade de confusões semânticas mesmo em outros idiomas, a palavra escolhida para designar o “acaso” é *azar*. Mas a ideia de azar surge imbricada com a de causa, em dicionários de filosofia encontrei, cito de memória, que as principais acepções para *azar* são: (a) imprevisibilidade ou indeterminação de uma causa; (b) uma mistura não distinguível de causas, ou (c) uma impossibilidade de calcular as probabilidades “reais” devido a escassez de informações. Para mim é quase inevitável evocar, mais uma vez, E. H. Carr (itálicos são meus):

O leite, quando ferve na leiteira, derrama. Não sei, e nunca quis saber, por que isto acontece; se me pressionarem, provavelmente atribuiria o fenômeno a uma propensão do leite para derramar quando ferve, o que é verdade mais nada explica. Da mesma maneira alguém pode ler, ou mesmo escrever, sobre os acontecimentos do passado sem querer saber por que eles aconteceram, ou contentar-se em dizer que a Segunda Guerra Mundial ocorreu por que Hitler queria a guerra, o que também é verdade mais nada explica. Mas não se deveria então cometer o solecismo de chamar tal pessoa de estudiosa da história ou de historiadora. *O estudo da história, é um estudo de causas*. Heródoto, o pai da história, definiu seu propósito na abertura da sua obra: preservar a memória dos feitos dos gregos e dos bárbaros e “em particular, além de tudo o mais, *dar a causa* da luta que travaram entre si”.

Devia ter arriscado mais e até errado mais, devia ter feito o que eu queria fazer e não dá para aceitar que defendam a tortura: não, isso não! O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído? É um anjo da guarda o acaso?

Penso que dois tipos de relação causal têm desempenhado um papel determinante nas minhas conversas com livros dos historiadores: de um lado está a relação entre causalidade e racionalidade; de outro lado está a relação entre causalidade e necessidade. É engraçado observar o quanto o “racional” e o “necessário” são confundidos pelas pessoas e definidos a partir de escolhas morais. Lembrei-me de uma discussão sobre Paul Magnaud, o "juiz de Château-Thierry", famoso e conhecido sob dois rótulos contraditórios: “o bom juiz” e “o juiz aberrante”, aquele que se entrega a um julgamento "flutuante" por falta de um sistema coerente. Mais preocupado em fazer justiça do que em seguir a letra da lei, Magnaud acabou provocando algumas mudanças. Por exemplo: a ideia de furtar “por necessidade”, passou a ser usada para indicar o caso de uma pessoa que roubou para não morrer de fome ou para alimentar um filho. A ação de um juiz, subvertendo a lei, provocou mudanças na própria legislação, transformando o significado de uma palavra como “necessidade” e modulando a oposição entre "*A necessidade não conhece lei*" e "*A necessidade faz a lei*". No Brasil vivemos uma situação em que a prática de um juiz e um grupo de procuradores provocou a dissolução das instituições jurídicas. O que era *necessário*? Não é terrível que tenham usado o método indiciário para estabelecer que provas não são necessárias para condenar alguém? E não é de assustar o anjo de Walter Benjamin ler argumentos probabilísticos em peças de acusação sem fundamentos em *atos*?

Esse texto é uma evocação, não vai ser concluído com as tradicionais referências, mas vou registrar aqui que incluí algumas letras de música modificando suas líricas... e alguns debates da *Revue de synthèse*, igualmente metamorfoseados. *Não por acaso, tudo é uma questão de mudanças! É! Por acaso!*